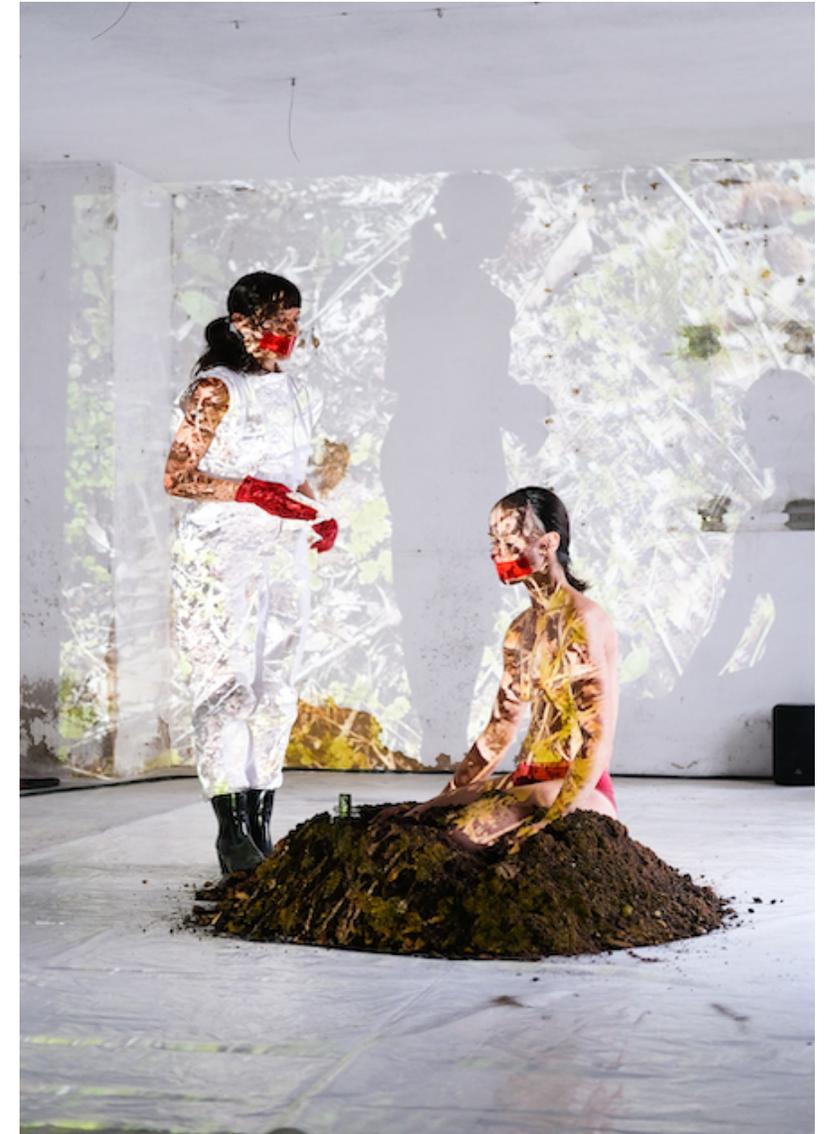


MA - MA

MA-MA é uma performance que visa refletir sobre o lugar onde vivemos, o planeta Terra / mãe Terra. Sobre a nossa fragilidade e o perigo eminente ao qual está sujeita a vida na terra, através da pressão do aumento demográfico humano, da nossa ambição desmedida e inconsciente, e também das mudanças climáticas e do aquecimento global. Ver o planeta Terra como um corpo fértil de mulher foi uma metáfora dada em várias tradições que se concentra nos aspectos vitais e nutritivos da natureza ao encarná-la na forma da mãe/ mulher. E agora, que acontece com a nossa mãe Terra, que está sendo submetida a níveis extremos de poluição e emissões de carbon, quantidades escandalosas de plástico, monocultura, etc.. Pretendemos observar os efeitos que as nossas acções e os resíduos das nossas acções têm sobre o nosso corpo. A performance inclui um video criado na zona da Castanheira de Pêra em Portugal.



Conceito, criação e interpretação **Rita Vilhena e Yael Karavan**
Vídeo e som **Rita Vilhena e Yael Karavan**
Textos “Requiem” **Kurt Vonnegut Jr.**, “Eu não sou” **Rita Vilhena**
Música “Norma, Act I-Casta Diva” **Maria Callas**
Produção **Partícula Extravagante e Mónica Carriço**
Registo vídeo **João Bordeira**
Registo fotográfico **Josefa Searle**
Residências artísticas **Estúdios Victor Córdon e Companhia Olga Roriz**
Parceiro institucional **República Portuguesa – Ministério da Cultura**

Vídeo registo (5 minutos) da apresentação no
MAPS – Mostra de Artes Performativas Julho 2020 :
<https://vimeo.com/443970637>
password : MA-MA RV&YK 2020



Yael Karavan premiada performer, bailarina e diretora/coreógrafa Britânica/ Israelense, já viajou pela Europa, Rússia, Brasil e Japão estudando e trabalhando com diversos mestres na busca de uma elaboração de um método autêntico de treinamento e uma linguagem física contemporânea de expressão que liga leste e oeste, teatro e dança. Usando elementos do Butoh, dança, mímica, palhaço, teatro físico e visual, ela explora os temas de metamorfose, memória, o invisível e a noção de ciclos que se repetem, entrelaçando ambientes oníricos com momentos de humor, equilibrando na linha fina entre o trágico e o cômico, o íntimo e o coletivo 'Site Specific'. Atua profissionalmente desde 1999, se apresentando em teatros, festivais, assim como em galerias e museus, desenvolvendo um trabalho teatral e site/specific/responsive pelo mundo e já foi membro da premiada companhia Russa de teatro físico 'Derevo', do 'Mamu Dance Theatre' do Tadashi Endo e do 'Ten Pen Chi' de Yumiko Yoshioka entre outros. Ensina Butoh ao redor do mundo e no Fórum Dança e na Faculdade Nova de Lisboa.
www.yaelkaravan.com www.karavanensemble.com



RITA VILHENA coreógrafa e investigadora sobre a dança e movimento em actos culturais ou religiosos em diferentes comunidades e o corpo como cultura ou lugar sacro. Bailarina profissional desde 2003, tem como principal motivação a ideia de transformação e participação, movida pela intuição e prazer. Os seus últimos trabalhos #VIBRA #DOR e CORPO SANTO são uma marca do seu trajecto artístico com interesse em Ritual e Performance. Em 2005 criou a Baila Louca improvisação e performance em Roterdão. BL nasceu dum desafio individual, dar visibilidade e fazer colaborações com artistas que a inspiravam como por exemplo Meg Stuart, Vania Rovisco, Julien Hamilton, Bruno Listopad, Jeremy Wade entre muitos outros. É docente de dança na Escola Superior de Dança, e faz parte da comunidade nacional e internacional de Contact Improvisation. Licenciada na Escola Superior de Dança, Academia de Dança de Roterdão e mestra em Artes do Espectáculo; foi bolseira no Centro de Investigação Científica de Dança e Musicologia do INET-md. www.ritavilha.com/www.bailalouca.com



C o n t a c t o

Rita Vilhena | bailalouca@gmail.com | +315 927 310 107
Yael Karavan | info@yaelkaravan.com

REQUIEM

Kurt Vonnegut Jr.

Se o crucificado planeta Terra
conseguisse ter voz
e sentido de ironia,
podia agora muito bem dizer
a respeito do nosso abuso:
«Perdoai-lhes, Pai,
que não sabem o que fazem.»

A ironia estaria
em nós sabermos
o que estamos a fazer.

Quando a última coisa viva
morrer por nossa causa,
como será poético
se a Terra disser,
numa voz flutuante
erguendo-se talvez
do chão do Grande Canyon:
«Está feito»!
As pessoas
não gostaram de cá.